

“Em 12 de maio de 1978, começou a primeira greve. Os trabalhadores da empresa sueca Saab-Scania entraram normalmente na fábrica, mas não trabalharam: cruzaram os braços ao lado das máquinas, reivindicando 20% de aumento salarial. No quarto dia, os trabalhadores aceitaram a proposta da empresa intermediada pelo sindicato, de 20% de aumento para quem recebia até dez salários mínimos, equiparação salarial para trabalho igual, pagamento dos dias parados e redução do trabalho noturno. Finalizadas as negociações, os operários voltaram ao trabalho. Mas a Scania não cumpriu o acordo e pagou apenas 6,5%, por pressão de outras multinacionais, que antecipavam a ocorrência de outras greves em suas fábricas. A tentativa dos trabalhadores de voltar à greve foi duramente reprimida pela polícia. Já era tarde, porém, para impedir a maré de reivindicações represadas por tantos anos. O movimento se espalhou. Antes do fim da greve na Scania, já começava a greve na Ford. Seus operários conseguiram 11% de aumento. Os operários da Volkswagen também iniciaram uma paralisação, mas o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) decidiu que a greve era ilegal. Em vez de se interromper, o movimento se ampliou. Na primeira semana, já eram 60 mil metalúrgicos, de 24 empresas, em três cidades. Na quarta, eram 246 mil grevistas, de 213 empresas, em nove cidades. Em 30 de maio, o sindicato patronal do setor automotivo anunciou a extensão do aumento de 11% para todos os trabalhadores metalúrgicos. As greves animaram os metalúrgicos de São Paulo. Mobilizados pela oposição sindical, em setembro fizeram uma assembleia gigante que expulsou o presidente pelego, o Joaquinção, e decretou greve.

Em 1979, os sindicatos de metalúrgicos do ABC estavam mais experientes e fizeram um planejamento prévio para a greve. Insistiam na reposição dos 34% e tinham mais um leque de reivindicações. Foram realizadas assembleias gigantescas, históricas, de 60 a 80 mil metalúrgicos no Estádio de futebol de São Bernardo, na Vila Euclides. A greve começou logo antes da posse de João Baptista Figueiredo, o último general-presidente da ditadura. As fábricas pararam em São Bernardo, Santo André, São Caetano e depois em São José dos Campos e Jundiaí. No quarto dia já eram 170 mil os grevistas. A cada dia a Polícia Militar ia aumentando a repressão, espancando, fazendo numerosas prisões, mas a greve não cedia. Nas negociações, os representantes dos empresários não ofereciam nada de concreto. Em assembleias lotadas, os trabalhadores decidiam continuar parados. “A greve continua!”

Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/operarios/index.html>

Acesso em: 19 de outubro de 2018 às 20:20.